
**O PAPEL DOS COMPONENTES DE USO NA FORMAÇÃO URBANA:
RUA, PRAÇA, LARGO, CASA, PRÉDIO, QUARTEIRÃO**

PEDRO LEÃO NETO

" (...) temos de reconhecer que o nosso modelo é apenas um dos modelos possíveis de Cidade moderna e, portanto, temos de repensar em termos modernos a vivência específica das cidades europeias, com as suas variantes e as suas características comuns "L. Benévolo

Hoje, a realidade mostra-nos aglomerados urbanos, cujo significado e lógica já não se "esgotam" ou "revêem" em conceitos mais ou menos "tradicionais" ou "esquemáticos" de Cidade. Estes aglomerados são de difícil delimitação espacial; podem não ser densamente edificados e povoados; caracterizam-se por relações de pendularidade e, por vezes, as suas funções de centro (político, económico, cultural, etc) são complexas e variadas.

Por conseguinte, vamos tentar rever alguns dos aspectos através dos quais a Cidade foi entendida ao longo de diversas épocas históricas, para assim compreendermos melhor as diferenças e as semelhanças que existem para com os aglomerados urbanos de hoje. A Cidade pode ser entendida e descrita sob vários aspectos - económicos, sociais, históricos, arquitectónicos, etc - sem que, no entanto, nenhum deles, isoladamente, possa explicá-la na sua totalidade.

Para *Aristóteles*, " a Cidade era um certo número de cidadãos" - Um espaço de diálogo, de convívio, de dialéctica. É a Cidade política - a Polis.

Segundo *Alberti*, " A grandeza da Arquitectura está ligada à da Cidade e a solidez das suas instituições mede-se pela solidez dos muros que a protegem". A Cidade, aqui, é a Arquitectura e a solidez dos seus muros que evidenciam o ponto de vista arquitectónico e de espaço fortaleza.

Na perspetiva de *Mumford*, "(...)a Cidade é, acima de tudo, a forma e o símbolo de uma relação social integrada ". Aqui, impera o ponto de vista social.

**O PAPEL DOS COMPONENTES DE USO NA FORMAÇÃO URBANA:
RUA, PRAÇA, LARGO, CASA, PRÉDIO, QUARTEIRÃO**

Ora, sendo a Cidade tudo isto, ela vai, necessariamente, reflectir a cultura e a forma de vida dos homens que a criaram. A Cidade mediterrânica é, na sua génese, um espaço político “ (...) e compreende às outras: aquelas a que chamamos cidade e associação política (...) ” Aristóteles, *Política*. Tem a sua origem na Cidade Clássica que foi erguida para criar um espaço público onde os cidadãos pudessem, quando saíssem das suas casas, conviver, discutir, etc. Assim, podemos entender a praça como a sala comum de todos os cidadãos: A Cidade como polis (política) e urbs (ruas, praças, etc.).

248

Ao contrário da Cidade Clássica, a Cidade Anglo-Saxónica (nórdica) é uma Cidade Rural. Aqui, não existe a praça (entendida como espaço de reunião e discussão), mas sim um espaço chamado *Common*. Estas Cidades formaram-se a partir do crescente agrupamento de casas rurais. Estas, mantendo, no início, sempre uma certa distância entre si, de forma a não perder a sua autonomia, foram-se distribuindo de forma a deixarem um espaço aberto no seu centro (*Common*), que exaltavam como memória do espaço livre do campo que tinham perdido. - “A Cidade não é entendida, aqui, como uma *secessão do Cosmos* “(Ortega Gasset), mas sim como o enquadramento da paisagem, tentando valorizá-la.

Podemos, portanto, afirmar que o processo através do qual as Cidades se formaram está ligado à maneira como o homem se relaciona e vê a natureza (*Collingwood*) e que esta constitui o lugar por excelência do esforço ordenador do homem. Assim, o ordenamento físico do território - ancorado na necessidade do homem impor uma ordem racional na aparente desordem da natureza para, assim, conseguir compreender o espaço (mundo) que o rodeia - é um acto de vontade natural que se traduziu ao longo do tempo sob diversas formas.

Por conseguinte, parece-me que vale a pena estudar alguns dos princípios que caracterizaram a formação de certos componentes de uso nas Cidades de outras épocas para, dessa forma, se entender o significado e a função que eles podem ter na construção dos espaços urbanos de hoje. Porque são eles que modelam as Cidades; constroem os seus cenários físicos; são os elementos de ligação entre o presente e o passado e condicionam o futuro.

Os gregos tinham uma estreita ligação com a natureza. Os seus edifícios eram adaptados ao suporte físico natural e eram considerados como estruturantes do espaço urbano. Embora as suas Cidades tivessem como base um sistema de traçado

de quadrícula, eles conseguiram sempre adaptá-lo bem às irregularidades do terreno onde se implantavam e, ao contrário dos romanos, nunca se deixaram arrastar pelos excessos de rigor, conseguindo composições arquitectónicas (urbanas) que ainda hoje são objecto de estudo para tentar encontrar nelas uma lógica racional / matemática que as explique, embora sem muito sucesso, pois a sua razão jaz na sua relação com o lugar (natureza). *"Se Roma pôde proporcionar os princípios gerais sobre o urbanismo e, portanto, construir Cidades segundo esquemas lógicos em todo o mundo Romano, é na Grécia que encontrámos os fundamentos da constituição da Cidade."* - Aldo Rossi. Assim, os edifícios, signos da vontade colectiva - sede dos órgãos de uma vida política livre e dos Deuses - a sua relação com o espírito do lugar (*Genius Loci*) - definiam-se como elementos geradores da Cidade, pontos fixos da dinâmica urbana.

Seria bom que muitos dos edifícios de hoje - signos de uma vontade colectiva - (serão?) diferentes como, por exemplo, os hiper-centros comerciais "catedrais de consumo" ou, principalmente, aqueles que constituem os chamados equipamentos públicos fossem geradores de uma dinâmica de qualidade e estruturante na construção da cidade. Evitando, desta maneira, que estes constituam exemplos "despropositados e feios" e que, por isso, não conseguem servir as reais necessidades das pessoas, nem tão pouco articular-se bem com o sítio (lugar). A importância do edificado está no facto de ser a síntese dos vários aspectos que caracterizam uma cidade; aspectos estes que, embora não tenham forma espacial, são nucleares à vida e alma de uma cidade. É necessário, por isso, pensar nos edifícios a construir como estruturantes e indutores da qualidade do desenvolvimento da Cidade.



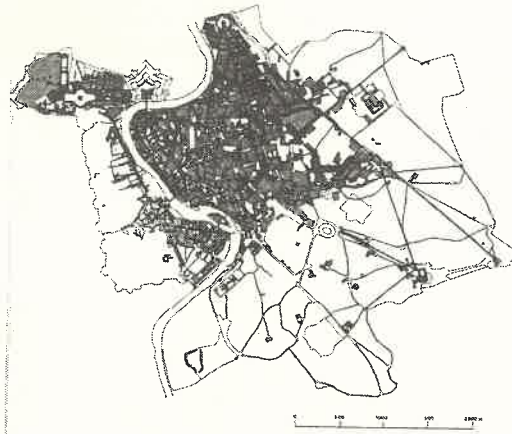


Fig. 2 Roma. As suas rectilíneas abertas no sec.XV e XVI

Na época Renascentista /Barroca, o espaço público (não edificado) era considerado como estruturante do espaço urbano. Mas o Renascimento é, acima de tudo, um movimento intelectual. Uma força que redescobriu a cultura da Antiguidade esquecida desde a queda do império romano - Idade Média. Sob o ponto de vista urbano, o Renascimento foi mais o lançamento das suas

bases e instrumentos do que uma verdadeira transformação do espaço urbano - enquanto o pensamento utópico elaborava as cidades ideais, a vida continuava nos velhos ambientes medievais. *"A cultura do Renascimento modifica as condições mentais de projecto arquitectónico, mas não a prática das intervenções urbanísticas"* - Benévolo. Encontrámos, no entanto, algumas transformações como, por exemplo, a abertura de ruas novas, edifícios solenes e uniformes e a abertura de novas praças que, geralmente, enquadravam monumentos ou edifícios representativos. *Léon B. Alberti* vai-se ocupar do problema da arquitectura urbana em vários trechos da sua obra e vai antecipar-se ao conceito moderno de hierarquização das ruas. Dos melhores exemplos de traçado urbano (**fig. 1 e fig 2**) desta época são os alinhamentos que Sisto V traçou (1585 - 1590) na planta da cidade eterna (Roma). *" (...) constroem uma rede de novas ruas (...) Estas novas ruas (...) desenham na trama medieval, refractária à perspectiva, numa triangulação perspectica que permite, mesmo dentro da cidade, unir visualmente lugares distantes. "* *L. Benévolo*. Um outro exemplo de antecipação no tempo é o da praça de *Campidoglio* (1536) idealizada por Miguel Angelo, mas só concluída mais tarde, embora com uma fidelidade absoluta à concepção do mestre. Aqui, já há o sentido de unidade e de correspondência orgânica entre as partes, próprio do barroco. O modelo de cidade Renascentista controlado em todas as suas consequências executivas vamos encontrá-lo no continente Americano através da colonização espanhola. A cidade de São Domingos é disso um bom exemplo, pois não encontrámos nela o desejo da beleza arquétipo característica

das cidades Italianas, mas, antes, o desejo de resultados práticos. " *A cultura geométrica do Renascimento converteu-se já num hábito mental comum (...). Os Europeus trazem consigo esta regra (...)* L. Benévolo

O Barroco surge com a ideia de Capital - já não existem as cidades-estado e era necessário criar uma figura de autoridade - Estado - como expressão de um todo territorial. Assim, "(...) acabou a multiplicação da cidade, a cidade deixava de ser um meio para conseguir a liberdade e a segurança, mas era antes um meio de consolidar o poder político num único centro, sob a supervisão directa do Rei " - Mumford. Ao nível puramente teórico, a cidade barroca é herdeira dos estudos teóricos do Renascimento, mas agora como obra de percepção visual imediata - contando para isto com um instrumento, também herdado do Renascimento, que era a Perspectiva. É no século XVIII que a arte barroca da composição da cidade atinge o seu apogeu - quer se trate da colunata de *Bernini* ou da praça de *Versalhes*.

Podemos enunciar três princípios básicos do urbanismo barroco: a linha recta, a perspectiva monumental e o programa: a uniformidade da sua arquitectura. O Barroco chega ao extremo de contemplar o mundo como uma vista - a perspectiva forma e ordena o mundo e, como pressupõe a contemplação do mundo de um único ponto de vista, vai coincidir com a organização monárquica do Estado. Porém, não são só os palácios que se constroem, mas também hospitais, bairros inteiros de habitação, passeios, etc - tudo incorporado dentro de um conjunto ordenado e unitário. Podemos referir talvez, como um dos conjuntos mais célebres do urbanismo francês do século XVIII, a cidade de *Nancy* - onde um conjunto de praças e alamedas deu origem ao mais belo eixo de urbanismo monumental barroco, relacionando diversos recintos, ligados uns aos outros com um sentido requintado e oferecendo sensações de espaço diferentes, dentro de uma harmonia geral e uma axialidade rigorosa.

Ora, parece-me que se podiam estudar e recuperar alguns dos princípios que nesta época caracterizaram o desenho do seu espaço urbano. As potencialidades das "axialidades" como em Sisto V para estruturarem o espaço urbano, ou a importância da "normativa", que serviu de suporte ao "desenho" de algumas cidades coloniais (como, por exemplo, S.Domingos) para induzirem uma desejada morfologia urbana. A importância das vias de comunicação e sua hierarquização para ordenar e organizar a estrutura urbana. Convém perceber o espaço

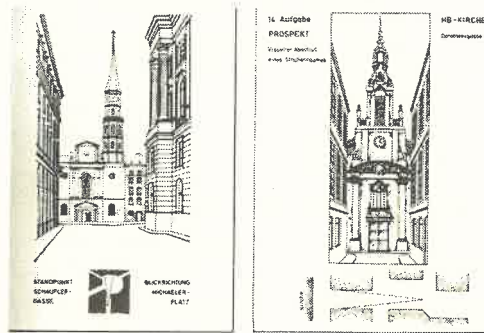
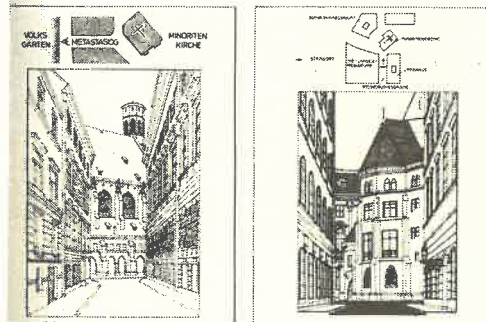


Fig. 3 Student work on the theme of Prospect



um centro que estrutura o espaço urbano e onde os edifícios que a configuram lhe dão significado. Saber diferenciar este elemento - fruto de uma vontade de centralidade, de representação de funções importantes e construída através do desenho - de um largo - um espaço que, na maior parte das vezes, é o resultado de condições urbanas sem desenho onde existem espaços remanescentes.

Durante a primeira metade do século XX, surge na Europa o movimento apelidado de "arquitetura moderna", que vai ser um dos principais protagonistas na viragem da cultura europeia deste século. A Cidade de *Haussmann*, baseada na repartição do solo entre a administração e a propriedade fundiária e numa regularidade, simetria e alguma complexidade, foi das últimas tentativas para resolver as questões ,com que o homem do

É necessário pensar a Cidade não de uma forma introvertida - desenhando o edificado de forma isolada e tomando o espaço público como remanescente -, mas conseguindo utilizar o "quarteirão" como um modo de organização do edificado, não ao nível da imagem e da forma do edificado, que é o que usualmente acontece, mas ao nível do conceito da forma a qualificar e caracterizar os espaços não edificados da sua envolvente interna e externa (ruas, praças, etc) e diferenciando (qualificando) os modos de relação desse mesmo edificado com o que lhe é contíguo. Enfim, conseguir criar uma "unidade" com a qual se intervém em apoio da "estruturação" do espaço urbano. Importa entender a praça como elemento chave,

século XIX se debatia, ligadas ao desenvolvimento das suas cidades - o confronto com a tradição do passado, o equilíbrio entre o domínio público e privado e a continuação do papel aristotélico da cidade " (...)meio de se atingir a perfeição da existência humana (...)"L. Benévolo - ainda sob modelos culturais apoiados na tradição do passado. Com o movimento "arquitectura moderna" - 1924 - dá-se uma viragem na cultura europeia.

Distinguem-se as funções da cidade : morar, habitar, cultivar o corpo e o espírito, circular (*Le Corbusier*) e definem-se as suas características por oposição à cidade liberal. A reconstrução da cidade recomeça a partir dos mínimos elementos das várias funções por agregações susceptíveis de soluções típicas e repetíveis e, porventura o mais importante, é que, para residência, o elemento funcional mínimo não é o edifício - a casa isolada ou o palácio - mas o alojamento. Nos tempos de hoje, o espaço público também é entendido como estruturante do espaço urbano e os edifícios marginais como qualificadores desse mesmo espaço, mas, agora, a natureza é vista sob uma nova luz - a da mudança. A forma como o mundo natural nos surge depende do tempo que levámos a observá-lo, isto porque estamos a observar um processo.

Quando falamos de "projecto de cidade" - plano de pormenor -, a forma física das coisas é central. Mas esta não se limita ao que é construído - edifícios -, mas também ao "não edificado" - espaço público, pois este também tem uma forma e, mais importante do que isso, ele não é apenas o negativo dos edifícios que o contém. Um dos principais problemas dos aglomerados urbanos de hoje é o do trânsito rodoviário - quer ao nível da poluição ambiental, quer ao nível da vivência humana. As ruas, muitas vezes, são projectadas apenas com a preocupação de serem percorridas pelos automóveis. Ora, é necessário, por um lado, dar-lhe qualidades cinestésicas - a sensação de deslocação, ao longo de uma via, influencia os observadores e permite uma nova forma de sentir e ver a cidade -, mas, por outro lado, é necessário recuperar as suas características de vida comunitária onde acontecem encontros, conversas, jogos, etc. Tudo isto é, por vezes, de difícil realização, mas não podemos deixar as nossas cidades à mercê do automóvel. " *O crescente tamanho das nossas áreas metropolitanas e a velocidade com que a atravessámos criam muitos problemas novos à nossa percepção e identificação (...)*" - *Kevin Lynch*. Já não podemos pensar apenas numa organização espacial estática, como nas épocas do Renascimento ou do Barroco, mas sim pensar que a cidade é hoje vivida a diferentes velocidades e que isso pressupõe

encontrar uma estrutura e forma urbana que satisfaça esta diversidade de situações sem que o homem perca a sua capacidade de identificação e de orientação no seu meio ambiente. A utilização de elementos altamente dominantes, que assegurem uma sensação de continuidade em ambientes muito extensos, é referenciado por *Kevin Lynch* como uma das formas, para obter alguns resultados úteis.

Noutros tempos existia uma identidade (proximidade) muito grande entre lugar de trabalho e residência. Depois, em determinada altura (Revolução Industrial), deu-se a separação definitiva entre residência e trabalho - com o aparecimento dos primeiros transportes colectivos. Hoje em dia, a independência dos lugares de trabalho e de residência é quase total e o cidadão vai a qualquer parte do território, dando lugar ao que hoje se chama o tráfego pendular. No entanto, a génese deste problema - a relação do homem e do espaço - tem o seu paralelismo com os antigos - *"(...) Em verdade, encontramos como em todos os tempos. (...) Coloca o homem e o espaço em dimensões equilibradas de relações análogas à dos antigos, só que, nas relações actuais, todas as medidas espaciais são maiores que quando foram as mais estáticas de há 50 anos (...)* Aldo Rossi.

Os desafios aos planeadores e arquitectos de hoje é o de conseguirem criar condições para gerarem um processo de planeamento onde todos os agentes responsáveis pelas transformações do território - não esquecendo os cidadãos que são o alvo de todo este processo - consigam participar interdisciplinarmente e, assim, produzir um desenvolvimento equilibrado e sustentado do território. *"(...) Caracterizam-se em modelos parciais e diferenciados, precisamente por meio da sua resolução numa forma completa e particularmente reconhecível (...)* Carlo Aymonio.

" (...) Qualquer parte de Boston é diferente da outra. Pode-se perfeitamente individualizar a área onde nos encontrámos. " Kevin Lynch.

Portanto, o objectivo é o de sermos capazes de obter alguma unidade geral nos aglomerados urbanos de hoje que, fruto das novas formas de sociabilização, se caracterizam por uma diversidade de situações e espaços diferenciados - bairros introvertidos, isolados, integrados, praças vazias e repovoadas por turistas, ou novos componentes de uso como condomínios fechados, parques de estacionamento, campos de golfe, etc.- e, para isso, torna-se necessário entender os diferentes espaços por que a cidade é constituída para conseguir "serzilos" e criar um novo significado para o conjunto.